

A CONFRONTAÇÃO EXPERIENCIAL DOS JOVENS NEGROS NO ESPAÇO ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES E SILENCIAMENTOS

Marina Castro dos Santos

Graduanda em Psicologia
UESB

Email: m36958@gmail.com

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma pesquisa que investiga como foi construída a subjetividade da pessoa afrodescendente a partir das experiências vividas dentro do espaço escolar. É utilizado o conceito de pesquisa participante, nas quais cada contribuição é substancialmente importante para a consolidação dos resultados. Para tal, foram realizadas duas rodas de conversa. A primeira com o tema “Estética”, e a segunda com o tema “Inteligência”. Nas duas foram realizadas dinâmicas participativas e conversações recíprocas e interativas sobre os temas e ainda outros que surgiram. Dentro das duas perceptivas foi notório que a experiência escolar foi traumática para os alunos negros. Entretanto, cada um utilizou e propôs recursos para lidar com essas vivências.

Palavras chave: Afrodescendente, escola, experiências.

INTRODUÇÃO

A identidade do profissional do psicólogo no campo escolar/educacional se constrói tanto a nível de ensino e pesquisa quanto no das intervenções práticas no ambiente escolar. Corroborando com Andrada (2005) priorizo, portanto, a atuação no âmbito educacional, especialmente o de ensino regular público. O presente trabalho refere-se a prática de pesquisa participante que analisa como é construída a subjetividade de adolescentes negros/mestiços dentro de um contexto escolar em que a população africana e afrobrasileira não é reconhecida a nível intelectual e acadêmico. Rocha (2014) observa que a exclusão do pensamento intelectual africano advém de um silenciamento colonial desde a formação escolar no Brasil, opondo-se a fazer menção a contribuição intelectual, tecnológica, filosófica (entre outras) da África para a nação brasileira. Também é importante considerar, que paralelo aos fundamentos educacionais que baseiam as construções de currículos escolares que não visibilizam de forma positiva essa população, as experiências vividas por esses alunos destacaram – se traumáticas no que tange as relações interpessoais dentro da escola e em situações decorrentes dela. Essa pesquisa foi realizada em uma escola municipal, de ensino fundamental situada na cidade de Vitória da Conquista, interior da Bahia. No entanto, a mesma não visa focar unicamente no currículo e atuação da referida escola, pois se tratando de processos de formação subjetiva, requer um olhar para essa construção de identidade ao

longo de toda a vida escolar do aluno. É imprescindível notar a importância que esta pesquisa possui dentro do espaço escolar periférico, pois esta não é apenas para de levantamento de dados, mas também cria um espaço de escuta ativa e sensível para as experiências vividas pelos alunos, criando uma atmosfera de atenção e cuidado que trouxeram uma perspectiva impulsionadora para tomada de decisões e exigência de direitos no espaço escolar, interferindo substancialmente na percepção da autoimagem dos estudantes. A escolha do objeto de estudo se deu pela percepção da exclusão intelectual do pensamento negro, bem como a apreensão de experiências em escolas periféricas, nas quais esse ambiente é evidenciado responsável por parte das experiências de socialização, consequentemente tendo grande importância como na formação da imagem que se tem de si e do outro ao longo da vida.

MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia utilizada foi de pesquisa participante, na qual Brandão e Streck (2000) abordam como um mecanismo instrumental de trabalho na formação do conhecimento que objetiva a compreensão e transformação da realidade através de formas interventivas de pesquisa, partindo do pressuposto de que todo ser humano tem em si saberes originais e insubstituíveis.

Dentro desse pressuposto metodológico, foram realizadas duas rodas de conversa, uma com os eixos condutivos “estética” e “inteligência”. Para tal foram utilizados somente pequenas dinâmicas e cartões de papel para alguns momentos de escrita, sendo que toda a pesquisa foi realizada através do diálogo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

RODA DE CONVERSA COM O EIXO CONDUTIVO “ESTÉTICA”

A investigação foi estruturada a partir do método de pesquisa participante, no qual houve uma interação entre o sujeito e o objeto de pesquisa. Desse modo os aspectos trazidos por todos os integrantes foram partes importantes para a construção do conhecimento, possibilitando uma articulação e valorização de cada contribuição, com vistas a auxiliar na promoção e prevenção em saúde mental, através do favorecimento da superação de dificuldades por meio de reflexões que fomentam uma visão mais ampliada sobre a relação entre o contexto escolar e as diversidades étnicas e raciais.

Dentro desse contexto, o método se deu a partir de duas rodas de conversa, cada uma com um eixo norteador. O primeiro eixo está relacionado com a estética, ou seja, como os alunos se

veem esteticamente a partir da representação de beleza afrodescendente ao longo de sua vida escolar. Segundo Schucman (2012 p. 68) o termo “estética” origina-se da palavra grega *aisthesis*, que quer dizer percepção ou sensação. No entanto, no senso comum é utilizada para designar alguns padrões vinculados aos significados do que é ser belo nas diferentes sociedades. Nesse sentido, o objetivo do eixo foi investigar como os alunos se enxergam, como veem sua beleza a partir das experiências construtivas do espaço escolar. A roda de conversa aconteceu com 15 alunos, intercalados entre o 7º e o 9º ano. A escolha das turmas foi por orientação da coordenação da escola, no entanto, a escolha dos alunos foi de interesse de cada um. A roda se iniciou com uma dinâmica de apresentação, na qual foram distribuídos cartões de papel para todos os integrantes da sala para que escrevessem o que vem à mente quando pensam na palavra “estética”. Depois disso pedi para que cada um escrevesse no fundo do papel, como se reconheciam racialmente e alguns nomes que foram chamados ao longo do percurso escolar que se relacionassem com a ideia da estética que cada um tinha atrelado a seu reconhecimento racial. A maioria das respostas sobre o conceito de estética estava relacionada com a aparências e/ou características físicas das pessoas. Houve também uma resposta em que se relacionava com “o caráter da pessoa”. No que se refere ao reconhecimento racial, quatro pessoas se identificaram como pardos, uma pessoa disse “não saber bem” pois a mesma afirmou que grande parte da sua família possuía descendência indígena, mas que havia desenvolvido um conflito em relação a isso, uma vez que não se considerava indígena por não fazer parte de uma comunidade tradicional. Cinco pessoas se identificavam como negras ou pretas. Três pessoas se identificaram como brancos. E três pessoas se identificavam como morenos. Quando questionados, os alunos informaram que a diferença de classificação entre “moreno” e “pardo” consistia somente no uso de uma nomenclatura diferente para designar uma mesma condição. As pessoas que se declararam negras que relacionaram estética a aparência física, escreveram que foram chamadas de “café ralo”, “nariz do capacete do Darth Vader”, “cabelo de mendigo”. As pessoas que se consideravam pardas ou morenas, relataram que durante o percurso escolar foram atribuídos muitos nomes, o cabelo e os traços faciais foi o que mais apareceu: “Cabelo de pixaim, nariz de marreta”, entre outros. As pessoas brancas relataram que já foram chamadas de “leite azedo, cru, albino e estranho”. No entanto, sentiam que não deixavam de usufruir de nenhum serviço ou direito por isso.

É importante observar que algumas alunas, que se consideravam pretas e pardas, citaram que as experiências traumáticas no espaço escolar eram tantas, que o pequeno papel de escrita não abrangeria. Assim, foi iniciada a roda de conversa, na qual os alunos trouxeram diversos temas e situações que aconteceram durante o percurso escolar. Dentro de grupos alunas declaradas negras e pardas houve uma grande latência no que tange a discussão sobre a transição capilar e o direito de poder se sentir bonita com seu próprio cabelo. Houve uma aluna que relatou que está passando agora pela transição, porque mesmo gostando de seu cabelo cacheado sempre, preferia alisar para não ter que ouvir insultos. Sobre isso Aguiar (2017) afirma que “a rejeição a traços físicos considerados indesejados, de acordo com o padrão de beleza dominante racializado, conserva-se na base de práticas de embelezamento que visam alterar a textura do cabelo com vista ao embranquecimento”. Este processo de se “embranquecer” aqui se dá pelo alisamento o cabelo, pois sendo ele um elemento constitutivo da identidade visual da pessoa, possui muita importância na relação com os outros, principalmente no espaço escolar, como a própria aluna relatou: uma tentativa de ser aceita, sem ouvir insultos. Nesse sentido, é perceptível a pressão social para a modificação dos fios capilares, para atingir a modificação de um padrão estético embranquecido. Esse fator é percebido não mais somente como uma pressão social, mas também como uma cobrança interna, uma pressão subjetiva na qual as alunas relataram que se colocavam numa posição de auto cobrança para atingir um padrão, e por vezes, uma negação de si dentro desse processo. Nesse sentido, Schucman (2003, p. 119) afirma que “devido ao racismo e a um ideal de beleza e estética branca, a população brasileira produziu significados positivos à branquitude, em contrapartida a significados negativos estéticos e culturais relacionados aos negros.” Essa concepção corrobora com Souza (1983, p. 34) ao passo que a autora considera que, nas instâncias psíquicas, atingir o ideal do ego¹ em uma sociedade multirracial significa uma imersão em uma ideologia na qual o branco é o ser que possui uma estrutura simbólica de ideal a ser atingido, requerendo assim que as pessoas negras travem batalhas (subjetivas e sociais) para alcançar esse modelo. A autora enfatiza também que essa rejeição de si violenta o corpo biológico, correspondendo ao relato das alunas ao explicitar que utilizavam de produtos químicos muito fortes e prejudiciais à saúde física. Assim se torna notória a distância entre o ideal e o possível, e no meio dessa lacuna podem surgir muitos processos

¹ Termo psicanalítico utilizado para designar uma instância psíquica regida pelo simbólico, estruturada pela Lei e Ordem. SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

psíquicos e sociais. No caso das participantes da pesquisa, foi no centro dessa lacuna que houveram muitas distorções de si, sofrimentos e situações constrangedoras, no entanto, foi interessante notar que cada uma encontrou uma forma de lidar com essas questões: uma dessas alunas, conseguiu apoio da família para cortar o seu cabelo e deixá-lo crescer novamente. Outra, descobriu nas tranças um sentimento de pertencimento racial, no qual a auxiliou a se aproximar da cultura afrobrasileira, e criar um sentimento de amor a seus atributos físicos, suas raízes culturais, de si. Não foi possível deixar de notar, que durante a roda de conversa, algumas alunas que possuíam o cabelo alisado, se mantinham caladas e posteriormente, uma explicitou que gostava do seu cabelo daquela forma, e a outra que sentia vergonha do seu cabelo natural. Esta, permaneceu quase todo o percurso da pesquisa quieta com um ar de ininterruptas interrogações subjetivas. Além de discursões sobre transição capilar, foram levantadas questões referentes a posicionamentos religiosos. Uma aluna relatou já ter sido chamada de “macumbeira” durante o seu percurso escolar. Esta referida aluna associou a palavra “estética” ao conceito de caráter, e se posicionou explicitando que já havia sido constrangida por conta de trazer em sua aparência física, elementos que identificam uma posição religiosa afrobrasileira, sendo chamada de “mau caráter” quando tentou argumentar a validade do seu posicionamento religioso. De acordo com Silva e Soares (2015) “[...] o que ora se apresenta como um fenômeno de rejeição às religiões de matriz africana, corresponde à negação da identidade negra no Brasil”. Nesse sentido, é possível afirmar que a intolerância religiosa no Brasil está intimamente ligada a reverberação de um pensamento colonial que está presente no imaginário coletivo brasileiro. E a escola, como espaço de socialização, contribuiu para a propagação de preconceitos e discriminações, ao invés de dar visibilidade a diversidade de expressões religiosas que existem no seio da nossa sociedade. Posteriormente, houveram relatos de pessoas negras que deixavam de usufruir outros direitos na escola e fora dela por conta da cor de sua pele. Foram descritas muitas situações de racismo no ambiente escolar, abusos, humilhações, linchamentos e violência policial contra alunas negras do lado de fora da escola, e até situações de uma aluna negra ser detida com a farda escolar em frente à escola. Expressivos atos de abuso policial e situações inconstitucionais contra alunos de pele escura. Sobre esse assunto Aquime et al. (2017, p. 5 apud Wacquant, 2013) considera que

O genocídio de jovens negros pobres é um dos efeitos da seletividade penal realizada para a prática de aprisionamento destes, agenciando uma triagem de que povo será privado de liberdade e por meio de quais mecanismos jurídicos, sociais, psicológicos, culturais, econômicos e históricos.

Selecionar penalmente é repartir por segmentos e por características os grupos sociais e hierarquizá-los em escalas de merecimento da vida e da garantia de direitos.

Esse processo se dá no contexto penal e criminal e representa uma estrutura de biopoder, na qual Foucault (2008) analisa que a regulação dos corpos está acompanhada pelo direito a vida, ou imposição a morte. Sobre esse fato é importante pontuar que

Entendendo o racismo como o fundamento da morte, estão, necessariamente, sobre ele assentadas as bases das políticas de eliminação. E é assim que, numa linha de continuidade que só enxerga sofisticadas, nunca rupturas efetivas, o projeto de extermínio da população negra encontra espaço para sua renovação dentro das promessas vazias da modernidade. (FLAUZINA, 2006. p. 100).

Dentro desse contexto é pertinente questionar as estruturas democráticas estatais, constitucionais e sociais, pois o racismo é fundamentado na morte (física ou simbólica), e as estruturas dessa instituição tem como base a eliminação, seja esta por morte física ou por afastamento social, como é o caso dos sistemas prisionais. Sendo assim, podemos considerar o fundamento de morte presente nas relações interpessoais dentro do espaço escolar, uma vez que a escola não se mostrou provedora de auxílio para resguardar a identidade da adolescente na referida situação de abuso policial. Também é interessante pontuar que todos esses fatos estão atrelados ao fundamento de morte simbólica presente no apagamento dos referenciais intelectuais negros na escola, uma vez que a representação positiva dos negros suscita novos parâmetros de imagens que podem subsidiar relações mais respeitadas a integridade dessas pessoas. Quando questionada sobre qual o nível de relação proximal dentro do ambiente da sala de aula, uma aluna respondeu que “se a escola visse a gente como gente já seria um bom começo”. Essa resposta se refere a um afastamento bloqueador de relações no âmbito escolar que impede os alunos de se sentirem interessados e motivados a estudar, uma vez que existem relacionamentos defasados com a escola em si, e com os assuntos estudados que estão muito distantes da experiência vivencial deles. Assim, foi perceptível que mesmo com todas essas problemáticas, os alunos se mostraram propensos a continuar os estudos, transparecendo uma intensa dicotomia entre a imagem socialmente construída e suas vigorosas lutas, sociais e subjetivas, para a construção de uma autoimagem positiva.

RODA DE CONVERSA COM O EIXO CONDUTIVO “INTELIGÊNCIA”

A segunda roda de conversa foi realizada com uma turma de 6º ano e aconteceu na mesma escola, no turno oposto. Iniciamos a conversa com uma dinâmica de apresentação no qual 16 alunos, se apresentaram. O objetivo inicial desse outro momento da pesquisa seria entender como os estudantes negros construíam seu conceito de inteligência e se percebiam enquanto

sujeitos inteligentes e capazes a partir dos estudos e vivências escolares. Para tal utilizei alguns aspectos da Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner. Segundo Almeida (2017), essa teoria surgiu a partir de uma insatisfação de Gardner com o conceito de inteligência a partir de QI, e com o pensamento dicotômico entre “inteligência” e “burrice”, propondo assim um conceito que não quantifica a inteligência, mas traz uma perspectiva de diversidade quanto as capacidades de inteligência existentes. Almeida (2017, p. 3) menciona que Garner interpreta a inteligência

apresentando-a como multifacetada e definida como a capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários; partindo do pressuposto de que os indivíduos possuem forças cognitivas diferenciadas e estilos cognitivos contrastantes.

Esse modelo, ainda segundo Almeida (2017, p. 3), “propôs um conceito com base em um potencial biopsicológico que ajuda o indivíduo a processar conhecimentos que podem ser ativados em um cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos”. Assim, essas produções irão ser consideradas como relevantes em uma determinada sociedade, pois em todos os âmbitos podem ser aproveitadas, uma vez que o conceito de inteligência é plural e cada produção irá abarcar conhecimentos de uma determinada cultura e condição. Assim, foi realizada uma dinâmica na qual os alunos deveriam reconhecer quais as inteligências que possuíam. Esse momento foi importante para ampliar a visão sobre inteligência, incentivar o reconhecimento destas por parte dos alunos, e iniciar os processos reflexivos que sucederiam. Foram identificadas as inteligências musicais, lógico matemáticas, linguísticas e verbais, corporais cinestésicas, inteligência espacial e inteligência naturalista. As inteligências existenciais e pessoais foram as mais identificadas pelos alunos como sendo pertencente ao cotidiano destes, produzindo, assim, uma série de discussões. De acordo com Almeida (2017, p. 6) a inteligência existencial relaciona – se com capacidade de reflexão sobre a sua existência. Por outro lado, a inteligência pessoal se subdivide em dois grupos: intrapessoal e interpessoal. Ainda segundo Almeida (2017, p. 6), a inteligência intrapessoal é considerada por Garner como uma das mais importantes, pois refere – se a ao conhecimento e avaliação de seus próprios aspectos internos, se tornando assim uma inteligência bastante subjetiva. Sendo assim, no exercício dessa inteligência, a pessoa assume a reflexão sobre seus pensamentos, sentimentos, emoções, e conseqüentemente seus comportamentos. A inteligência interpessoal é descrita por Almeida (2017, p. 6) como a “capacidade de compreender outras pessoas”. Esse processo se dá em diversos âmbitos do relacionamento humano, principalmente no que tange

a percepções de distinções em comportamentos alheios. Depois de uma breve conversa sobre isso, distribui cartões para saber o que os alunos mais gostavam de estudar no ambiente escolar. Quatro participantes disseram que gostam de matemática, um disse gostar de português e dois responderam ter mais afinidade com ciências. Todos os outros participantes disseram gostar de artes, aprender novas culturas, estudar sobre sociedades, formas de se viver. Dentro dessa perspectiva, perguntei qual daqueles estudos se relacionava com alguma contribuição africana ou afrobrasileira na escola, e se os alunos gostavam de estudar sobre esse assunto. Todos responderam que gostariam muito de aprender cultura negra na escola, mas que não havia outras possibilidades de estudo, porque era comum encontrar somente registros de pessoas negras nos livros de história, na condição de escravizadas. Os alunos discorreram sobre ausência de estudos que contemplassem outros tipos de inteligências e outras abordagens culturais no espaço escolar. Relataram também que a questões raciais não seriam sequer pensadas como algo passível de compor o currículo escolar. Senso assim, o “pensamento negro africano segue sendo excluído, pois, a diferença colonial sendo o espaço onde emerge a colonialidade do poder, constantemente constrói, e transforma diferenças em valores, resultando na marginalização, subalternização e negação desse pensamento.” (ROCHA, 2014, p. 10). O assunto sobre a marginalização do referencial negro dentro do espaço escolar abriu margem para outros assuntos, que mudaram drasticamente os rumos iniciais destinados a essa roda de conversa. Os alunos encontraram nesse espaço a oportunidade de fala sobre diversas opressões que comporam suas experiências escolares. Estes relataram a ausência absoluta de assuntos relacionados a diversidade humana, cultural e social, nos quais sentiam imensa falta por perceberem a não compreensão de suas realidades na escola. Relataram então que quando tentam trazer algum assunto diferente os professores “dão patadas”, negligenciam seus pedidos e são arrogantes com os alunos, proferindo até palavras ofensivas com determinados alunos. Uma aluna completou dizendo: “Só existe professor bom em novela, mas na vida real eles nem ligam para o que o aluno sente”. Sobre a autoridade bloqueadora que impede um entendimento efetivo entre professores e alunos Freire (1997, p. 45) ainda explicita que

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me

opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das idéias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque escuta, sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária.

A partir do momento em que os alunos trouxeram a escuta do professor como ponto central da conversa, foi perceptível o envolvimento dos demais alunos, que permaneciam calados. Estes relataram diversas situações constrangedoras que fazem parte de suas experiências no ambiente escolar, atribuindo a responsabilidade para toda a gestão escolar que, segundo eles, permanecia omissa diante de todas as situações. Posteriormente, houve uma conversa que permitiu o exercício da inteligência interpessoal. Os alunos começaram a observar os comportamentos que aconteciam em sala, atentando para o teor discriminatório de algumas proposições que eram consideradas como brincadeiras. Surgiu então, o caso de um aluno que é assumidamente homossexual e sofre diversas discriminações na sala de aula, o que por vezes, o impede de executar os estudos e usufruir do ambiente escolar. Dentro dessa perspectiva, Fernandes, Ribeiro e Soares (2009, p. 185) afirmam que

[...] Na nossa sociedade a norma estabelecida tem como referência o sujeito masculino, heterossexual, branco, saudável, burguês e cristão. Assim, aqueles/as que não se enquadram nestes atributos são nomeados/as “diferentes”. Não por acaso, a escola, espaço público e coletivo por excelência, importante instância social constituidora de identidades, evita discutir e problematizar as sexualidades e as possíveis identidades sexuais. Muito pouco tem ela oportunizado discussões sobre os processos em que os sujeitos ditos “diferentes” [...] são objeto de preconceito e estigma, por considerar ou entender que existe uma única forma de sexualidade “normal”. [...]

Nesse sentido, mais uma vez o ambiente escolar atua como espaço de vivências opressivas e potencialmente traumáticas na vida do sujeito. Esse ambiente de privação da liberdade de ser e viver é constituído por pessoas que também tiveram suas experiências traumáticas e, mesmo também sentido os efeitos dessas experiências, dão continuidade ao hábito de subalternização do outro. Dentro desse ponto da conversa, os alunos da sala perceberam esse processo cíclico e se colocaram na posição de pessoas nas quais as atitudes ajudam a reverberar a sequência de opressão, exercitando assim a inteligência intrapessoal. A maioria dos alunos se desculparam uns com os outros por essas situações, mesmo explicitando a dificuldade que eles possuíam de entender e auxiliar uns aos outros nesses processos por conta da negligência profissional dos professores que permitem que essas situações aconteçam livremente. Uma aluna demonstra isso quando diz: “além os professores não passarem coisas que a gente precisa muito estudar, eles veem as coisas acontecendo e não falam nada, não incentivam os alunos a

não praticarem racismo e outros preconceitos”. Assim, entenderam como urgente a tomada de medidas para promoção de conscientização e desmistificação de preconceitos e discriminações no ambiente da escola, criando assim uma comissão que debaterá esses temas. Os alunos também consideraram que a dificuldade curricular e interpessoal com os professores dificulta a expressão e produção de todas as inteligências descritas na teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner. Nesse sentido, Caldeira (2013) aponta que “a relação do professor-aluno tem que ser baseada no respeito mútuo, esse é o principal colaborar para tornar a sala de aula em um ambiente favorável a aprendizagem.” Sendo assim, é importante pontuar que as situações descritas aqui não assumem um teor acusatório sobre a prática docente de professores específicos, mas sim pretende explicitar a complexidade das relações entre professores e alunos, cultura, gestão, relações familiares e diversidade na escola. Esse emaranhado de demandas divergem e convergem de forma a suscitar reflexões acerca do que pode ou não ser entendido como uma escola que compreende a diversidade humana, bem como seu papel nessa compreensão. De acordo com os resultados da pesquisa, para que esse entendimento se faça de forma complacente é necessário ter a escola um envolvimento ético com os temas estudados de forma a corporificar os temas, trazendo formas que favoreçam a compreensão e respeito aos saberes dos educandos, de forma a atuar na apreensão da realidade do cenário em que se encontra a instituição, comprometendo – se com a existência da diversidade racial, de gênero e de posturas no mundo que esse cenário apresenta. Assim, é possível trabalhar exercendo o respeito às dimensões religiosas e existenciais de todos os alunos, a fim de assumir a responsabilidade coletiva quanto aos acontecimentos de cunho discriminatório no ambiente escolar. Para tal, são necessários elementos como escuta e afeto a fim de desempenhar um papel horizontal nas relações, para promover mudanças no ambiente escolar e fomentar discursões e práticas consistentes que visem a articulação de diversos saberes com as atividades educativas a fim de beneficiar a todos os envolvidos e suscitar novos paradigmas existenciais no decorrer da vida dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro de todas as questões aqui pontuadas, foi notório em diversos momentos da pesquisa a necessidade dos alunos de serem ouvidos e de mostrarem suas realidades realidade a partir de uma linha cronológica de acontecimentos que abarcaram potenciais traumáticos advindos experiências no espaço escolar, nas quais tiveram protagonistas diferentes e que desencadearam em processos similares: subalternização, marginalização e negação de seus

direitos. No entanto, também se manifestaram nítidas proposições de remanejamento de uma realidade hostil, através de posições inovadoras a fim de organizar representações estudantis que irão participar ativamente das propostas internas da escola, como por exemplo a ideia da formação de um grêmio estudantil. Esse órgão poderá trazer uma nova perspectiva de participação escolar, bem como uma outra percepção da representação dos alunos na escola. Também foram observadas outras proposições de remanejamento, como a produção de saberes e reflexões a partir de eventos na escola que tragam os temas e preconceito, bullying e discriminação racial. Para além do contexto escolar, também foi observado uma utilização de recursos históricos para lidar com a realidade em todos os outros espaços, como é o caso da aluna que encontrou nas tranças afro-brasileiras uma outra forma de perceber e amar seu cabelo. Assim, foi perceptível que essa pesquisa foi benéfica para todas as pessoas envolvidas por trazer tantos ganhos de ordem imaterial e corroborar com Freire (1997, p. 45) ao reconhecer que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Thaís Rodrigues de. Transição capilar negra: ressignificando a identidade da mulher negra. In: III ENCONTRO HUMANÍSTICO MULTIDISCIPLINAR E II CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS MULTIDISCIPLINARES. Anais. Jaguarão – RS, nov. 2017.

ALMEIDA, Rodrigo da Silva. et al. A teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner e suas contribuições para a educação inclusiva: construindo uma educação para todos. Alagoas: ciências humanas e sociais. v. 4, n. 2, 2017.

ANDRADA, E. G. C. Novos Paradigmas na Prática do Psicólogo Escolar. Psicologia: Reflexão e Crítica. Santa Catarina, 2005. p.196-199.

AQUIME, Rafaelele Habib Souza. et al. O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão. São João del Rei. Práticas e pesquisa psicossociais, 2017.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Org). Pesquisa participante: a partilha do saber. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

CALDEIRA, Jeane dos Santos. Relação Professor-Aluno: Uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE. Anais. UFPEL. Curitiba – PA. Set. 2013. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8019_4931.pdf. Acesso em: 30 out de 2018.

FERNANDES, Felipe B. Martins; RIBEIRO, Paula R. Costa; SOARES, Guiomar Freitas. A ambientalização de professores e professoras homossexuais no espaço escolar. In JUNQUEIRA, Diniz Rogério. (Org.). Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Direito) Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

FOUCAULT, M. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROCHA, Aline Matos de. A exclusão intelectual do pensamento negro. Pólemos. Brasília, vol. 2, n. 4, Março 2014.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SILVA, Lucilia da; SOARES, Katia. A intolerância religiosa face às religiões de matriz africana como expressão das relações étnico-raciais brasileiras: O terreno do combate à intolerância no município de Duque de Caxias. Revista EDUC, vol. 01, n. 03, jan/jun, 2015. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170608150213.pdf. Acesso em: 30 de out de 2018.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.